



Foto-Belera
PORTO

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e officina
RUA DO SECULO, 43—LISBOA
Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS
PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00—COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00.—ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.



As pessoas que visitam Londres encon-
ram no Hotel Cecil justamente o que es-
peram encontrar de um dos hotéis de maior
fama do mundo: Todos os confortos e co-
sinha esmerada. Serviço feito sem ruído e
sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente si-
tuado exactamente no centro de Londres,
frente ao rio Tamisa, bem colocado, por
consequencia, quer para tratar de negócios
quer para divertimentos. Tem grandes sa-
lões de jantar, *grill rooms*, salões aparen-
temente completos emfim, todas as com-
odidades previstas e necessarias em um
hotel moderno.

HOTEL CECIL

LONDON

BEBAM AGUA DE S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Secção Editorial de "O Seculo,"

Enciclopedia Popular Illustrada Porque, como e para que

Coleção de romances illustrados

Pedidos á administração de O SECULO

A' venda nos logares do costume

Escrituração E contabilidade

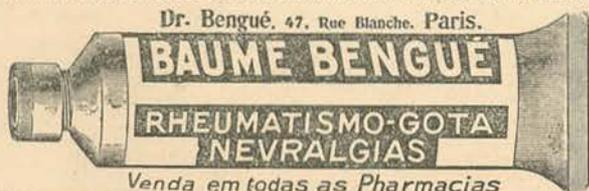
Por Correspondência

Peçam os pros-
pectos do Ins-
tituto Nacional de
Ensino por Corres-
pondên-ia, Largo
Trindade Coe-
lho, 6, Lisboa,
e as condições
para a matri-
cula nos cur-
sos nêle profes-
sados.

— Este Insitituto
tem alunos em
todo o continente,
Ilhas, Colonias,
Brazil, Estados
Unidos da America,
e outros paí-
zes.

Para o toucador USE O

"Restaurador do Cabelo
Trevo", de resultados ga-
rantidos.— Pedi-
dos ao Suplemento de MODAS
E BORDADOS DO «SE ULO»



Coroas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fábrica propria, é na
Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 30
(ao Chado) - Tel. 3270

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43—LISBOA

TODOS OS "SPORTS"



Nenhaus János, o magnífico
gua da-redes da III Besirk
T. V. E.



O guarda-redes húngaro desembaraçando-se da bola depois de uma defesa superior

JÁ no nosso numero passado nos referimos ao *team* húngaro, que, a semana passada, jogou entre nós e elogiamos o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa e Benfica pelo seu ousado empreendimento.

Hoje podemos afirmar que a vinda do III Besirk T. V. E. a Lisboa foi magnífica para o *football* nacional. Além do treino com jogadores e rangelos, que é o melhor que os nossos homens podem fazer, proporcionou-se ao publico da capital ocasião de admirar algumas fases de bom *association*.

Do *team* que nos visitou mais uma vez salientamos a energia e a sua excelente preparação atletica, mercê das quaes conseguiu jogar cinco desafios numa semana, dois dos quaes em dias seguidos. Ainda do jogo o III Besirk T. V. E. demonstrou possuir na sua linha bons elementos, como: o guarda-rede, que esteve colossal nas primeira e ultima tardes; o defesa esquerdo, jogador energico *shootando* bem com os dois pés; o meia-defesa centro, muito bom na colocação; o avançado centro e o interior direito, que *dribbla* bem e têm optimos remates; e, finalmente, os pontas, que como já fizemos notar no nosso numero passado, não abandonam os seus logares, sempre sobre as linhas de *touch* e possuindo uma grande corrida.

Duma maneira geral, o III Besirk T. V. E. pareceu-nos um bom *team* com um excelente passe, mas um fraco remate.

No segundo desafio dos cinco que os húngaros jogaram, defrontaram-se estes com o primeiro *team* do Sport Lisboa e Benfica, na tarde de 27.

A muita chuva alagou o campo, sendo prejudicado o desafio por este facto. O grupo que mais se ressentiu do estado do terreno foi o portuguez, pois os húngaros, mais acostumados

que nós a jogar com o campo enlameado e ao que nos pareceu com botas de *crampons*, equilibravam-se melhor, não caindo tantas vezes como os seus adversarios.

O desafio foi interessante, jogado com rapidez e magnificas fases, dominando o *team* húngaro, que jogou com a sua costumada correção.

Alguns dos jogadores do Sport Lisboa e Benfica foram por vezes violentos.

Na primeira parte marcaram os portuguezes a sua unica bola, tendo os húngaros marcado a que lhes deu o empate no segundo *half-time*.

A arbitragem de Rosmaninho foi regular.

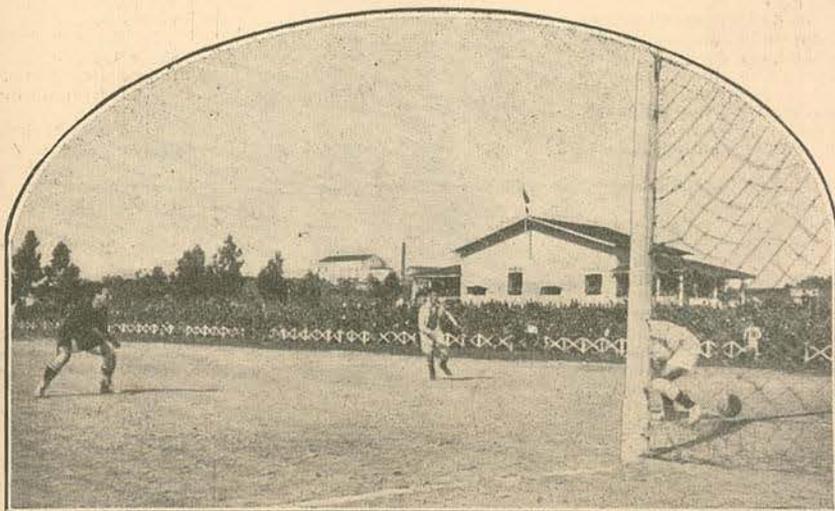
Na tarde de 29 conseguiu o Sporting Club de Portugal uma boa victoria sobre o III Besirk T. V. E.

O desafio começou sob a arbitragem de Rogerio Peres, cabendo a bola de saída ao Sporting.

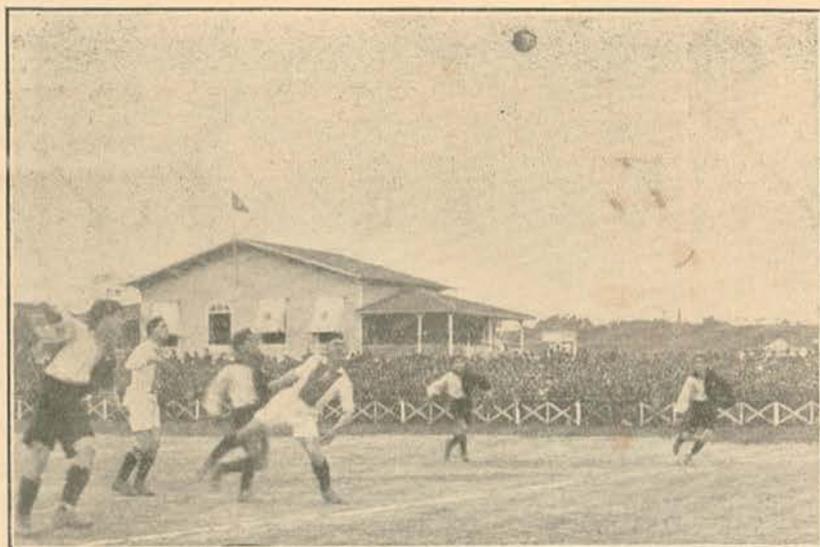
Na primeira parte do jogo, apenas o grupo húngaro marcou uma bola por intermedio do seu avançado centro. Logo no começo do segundo tempo, Francisco Stromp, com uma optima cabeça, colocou a bola dentro das redes adversarias, obtendo assim o primeiro *goal* a favor do seu *lu*. Uma das avancadas do III Besirk T. V. E. foi fortemen.e rematada pelo meia ponta direita, indo

a bola bater num dos postes laterals, sem entrar nas redes portuguezas. Foi José Ferreira que obteve a segunda bola a favor do Sporting, aproveitando a marcação de um *penalty* contra os húngaros. Pouco depois o guarda-rede húngaro defendeu bem uma bola, mas carregado, caiu, não podendo evitar que Ramos enfiasse a terceira bola a favor dos portuguezes.

O dominio do jogo per-



Gerra, goal-keeper do Casa Pia, em arran o ma uma das bolas, que foram a victoria ao team húngaro



Uma das fases do *macht* com o Sporting

tenceu ao III Besirk T. V. E. Os homens do Sporting Club de Portugal jogaram com acerto, trabalhando bem, havendo no entanto a registar por parte deles algumas violências.

A arbitragem deficiente, havendo ainda dúvidas sobre se a aplicação de uma grande penalidade ao *team* húngaro foi ou não justa.

No quarto desafio, jogado no passado dia 30, encontrou-se o III Besirk T. V. E. com o Sport Lisboa e Benfica, para desempate do anterior encontro.

Alberto Rio, o árbitro escolhido, iniciou o *match*, cabendo a bola de saída ao Benfica. Foi Ribeiro dos Reis que marcou o primeiro *goal* a favor dos portugueses enfiando a bola por um dos cantos.

Numa das avançadas do Benfica, um dos defesas contrários parou a bola com a mão, o que deu origem à marcação dum pontapé livre, que Simões aproveitou para obter a segunda bola a favor do seu *club*.

Pouco antes de terminar a primeira parte, o guarda-rede húngaro defendeu uma bola a sóco, carregando então Fernando de Jesus que marcou a terceira bola a favor do Benfica.

Começou o segundo tempo, apresentando-se o grupo húngaro com um jogador suplente, que substituiu o *back* direito.

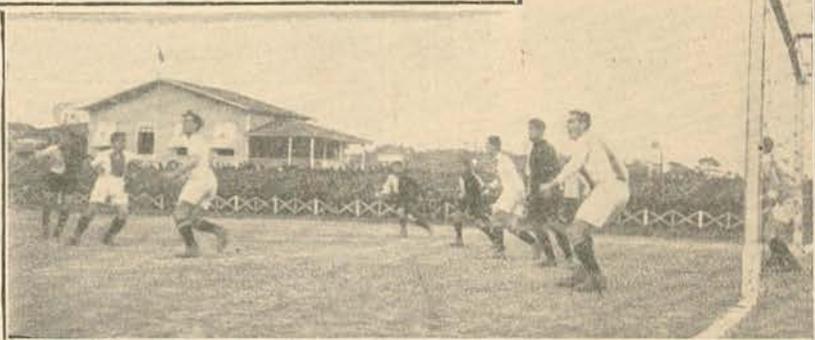
A 35 minutos de jogo, os húngaros marcaram um *penalty* contra o Benfica conseguindo, então a sua primeira bola. Quasi no final da segunda parte, obtiveram a sua segunda e última bola, derivada da marcação dum pontapé livre.

O domínio do jogo pertenceu ao grupo húngaro que, no entanto, jogou mal, falhando muitos remates.

O Benfica jogou com entusiasmo na primeira parte, perdendo na segunda boas ocasiões de marcar.

A arbitragem foi deficiente.

O último desafio que o III Besirk T. V. E. jogou entre nós, foi o que se realizou na tarde de 1, e em que o grupo húngaro se defrontou com o *team* mixto, composto por elementos do Sporting Club de Portugal, Sport Lis-



O Sporting atacando as redes húngaras

defesa com o pé de Francisco Vieira, não obstante ter tempo de sobejo para agarrar a bola e desembaraçar-se dela.

Jaime Gonçalves ainda tentou furar as redes adversárias com um pontapé que o guarda-rede húngaro defendeu bem, não obstante ser carregado. Ainda se registou outra defesa do *keeper* húngaro, terminando em seguida o desafio.

O domínio do jogo mais uma vez pertenceu aos húngaros, que também um grande numero de vezes falharam remates.

Na linha portuguesa notou-se a falta de ligação que em geral se observa nos *teams* mixtos.

A arbitragem de Rebelo da Silva foi boa.

O *team* português apresentou-se assim constituído: Francisco Vieira, guarda-rede; José Ferreira e Jorge Vieira, defesas; Fernando de Jesus, Filipe e Leandro, meias-defesas; Graça, Jaime Gonçalves, Ribeiro dos Reis, Loureiro e Almeida, avançados.

Resumindo, os resultados obtidos nos desafios com os húngaros foram: 2 victórias (Sporting por 3-1 e Benfica por 3-2), 1 empate (com o Benfica por 1-1), e duas derrotas (Casa Pia por 3-0 e *team* mixto por 1-0).

Estes desafios mais uma vez mostraram que os nossos *foot-ballers*, quando treinados, e tendo como dirigentes pessoas criteriosas, podem defrontar-se com bem organizados *teams* estrangeiros obtendo bons resultados.



O meia ponta direita húngaro, o melhor dos eventos de ataque da sua linha

D. C.

Silva Poética



DÔR

9-10-1918 — 10-2-1919

Contar todo este horrôr, o que te importa?
Dizer-te quanto soffro, para quê?
Acaso o teu olhar no meu não lê
Que a minha alma esta mágoa nem comporta?

Nunca mais reverdece a fôlha morta!
Assim, quem tudo perde em nada crê.
Mas é tão grande o mal que não se vê,
E a dôr que a propria dôr já não suporta!

E que amargura ir feita, vida fóra,
Sombra errante que morre a toda a hora,
Espírito alheado, triste, absorto...

Quando inda brilha o sol da mocidade,
Vivêr só do perfume da saudade
Tendo no peito o coração já morto!

Vejo, com as pupilas arrasadas
Pelo pranto em que a dôr é convertida,
Estas datas que são a minha vida
E que em minha alma, a fôgo estão gravadas.

Das horas de ventura já passadas,
A primeira é saudade estremecida!
De um dia, que foi noite dolorida!
Lembra-me a outra as horas malfadadas.

E quem as vê, ó meu amor, não pensa
Que em tão pequena coisa se condensa
Tudo que as nossas almas já sonharam...

E como punge tanto, que amargura!
Vêr que, de tanto sonho de ventura,
Apenas duas datas me ficaram!

Beatriz Machado de FREITAS BEIRÃO

Kalendorario Universal

É um interessante e engenhoso dispositivo organizado pelo ilustre Oficial do Exército, tenente coronel Velho da Palma, professor da Escola Militar, o qual serve para achar rapidamente: 1) o dia da semana de qualquer ano desde 1.600 até 2.000; 2) o ano, o mez e a data actuaes; 3) a hora; 4) a longitude e 5) a latitude de qualquer ponto do globo.

São conhecidos alguns dispositivos, uns que indicam as datas, outros a hora, mas o sr. tenente coronel Velho da Palma, modificando uns e alterando outros, conseguiu reunir num unico os elementos não só para se obter o conhecimento dos dias e horas, como tambem para se acharem as longitudes e latitudes.

Consta o referido dispositivo de uma tabela onde estão dispostos horizontalmente pela

sua ordem numerica os anos; por baixo dela, numa corôa circular interior, estão os numeros indicadores das horas desde o meio dia até á meia noite e desta até ao meio dia.

Um disco movel concentrico com aquelas corôas circulares contem outras duas corôas circulares; na exterior estão inscritas por sua ordem, em pequenos triangulos, as letras do alfabeto, terminando por um triangulo preto e na interior estão indicados todos os dias da semana. A parte restante desse disco encontra-se dividida em sectores, onde estão dispostas as datas do mez, desde 1 a 31. Fazendo girar este disco e com auxilio de uma pequena lista de todos os paizes, junta ao dispositivo, obtem-se todas as informações referidas e por uma fórmula tão simples que o kalendorario pode facilmente ser usado por qualquer pessoa que apenas saiba ler.

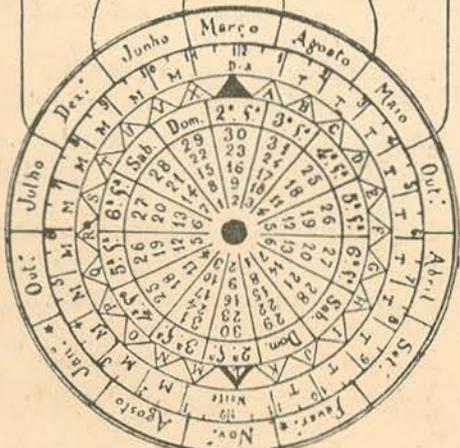
Nenhum outro dispositivo se conhece que forneça esta variedade de conhecimentos, constituindo este, pelas suas propriedades pedagogicas, um valioso auxiliar nas escolas, para o estudo da geografia, ao mesmo tempo que é, no seio das familias, um passatempo grandemente instrutivo, e se torna indispensavel em todos os escritorios commerciaes, repartições, estabelecimentos, fabricas, a bordo dos navios, etc., etc.

O kalendorario, que o seu autor dedicou aos nossos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, insere duas esplendidas fotogravuras dos mesmos, tornando-se assim a melhor e mais util recordação do grande feito da travessia area do Atlantico Sul, que veio adicionar mais uma brilhante pagina á historia patria



Tenente coronel Velho da Palma

1900	1901	1902	1903	—	1904	1905
1906	1907	—	1908	1909	1910	1911
—	1912	1913	1914	1915	—	1916
1917	1918	1919	—	1920	1921	1922
1923	—	1924	1925	1926	1927	—
1928	1929	1930	1931	—	1932	1933
1934	1935	—	1936	1937	1938	1939
—	1940	1941	1942	1943	—	1944
1945	1946	1947	—	1948	1949	1950
1951	—	1952	1953	1954	1955	—
1956	1957	1958	1959	—	1960	1961
1962	1963	—	1964	1965	1966	1967
—	1968	1969	1970	1971	—	1972
1973	1974	1975	—	1976	1977	1978
1979	—	1980	1981	1982	1983	—
1984	1985	1986	1987	—	1988	1989
1990	1991	—	1992	1993	1994	1995
—	1996	1997	1998	1999	—	—



Registado

Tab. 1 e corôa circular do Kalendorario

PAGINA

MUSICAL

ANTONIO LOPES

(Homenagem ao apreciado cavaleiro tauromaquico)

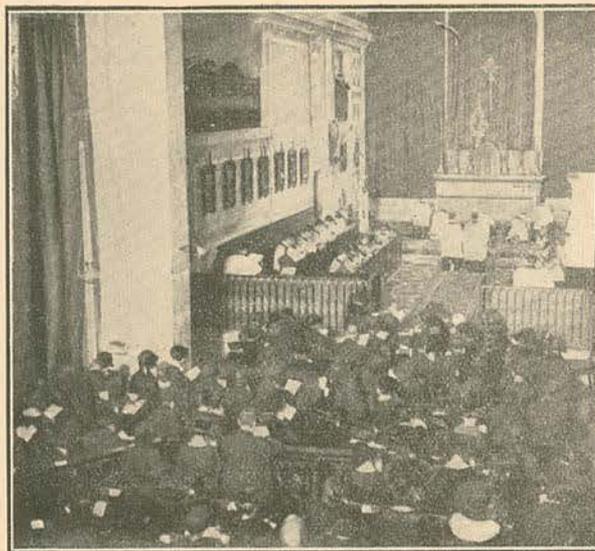
João P. Mineiro

Passo Dobrado

(Op. 916)

The musical score is written for piano and consists of ten systems of two staves each. The notation includes treble and bass clefs, a key signature of one flat (B-flat), and a 4/4 time signature. Dynamics such as *mf*, *mp*, *p*, and *f* are used throughout. Performance instructions include accents, slurs, and pedaling markings ('Ped.'). The piece concludes with a double bar line and the marking 'D.C.' (Da Capo).

Semana Santa



A assistência à cerimonia da Aleluia, na igreja dos Ingleses



O reverendo prior dos Arcebispos encanando a bênção sobre 18 crianças de 8' a 14' annos que foram batizadas na paróquia da igreja da freguezia, no sabado de Aleluia

O sr. coronel Alfredo d'Albuquerque procedendo à distribuição de obulos a 500 crianças pobres, realisada, no sabado, 31 de março, no salão sobre da Liga Naval, por iniciativa da colaboradora do Correio da Manhã que se assina Meriam. A referida distribuição serviu de pretexto a uma matinee elegant, que esteve muito concorrida, na qual tomaram parte a guns dos principaes artistas dos nossos theatros



Algumas das crianças a quem foi distribuido, no domingo de Páscoa, na igreja da Conceição Nova, apoz as solemnidades religiosas do dia, um lanche, oferecido por uma comissão de paróquianos. Alem desse lanche, em que tomaram parte 200 crianças, a mesma comissão proporcionou melhoria do jantar ao 22 albergado do Hospital da Victoria, anexo áquella igreja

(Clichés Salgado.)

O SÉTIMO DEGRAU

QUANDO, em 1907, Jorge Andouin alugou para seu negocio de chapéus, a casa n.º 47 da rua Geoffrey, pouco lhe interessou o saber que o predio era uma reliquia architectonica do seculo XVI.

Apreciou a porta monumental, sómente por que oferecia uma entrada comoda ás carroças que deviam trazer ou levar a sua mercadoria e, a escada, imponente, porque facilitava o movimento dos caixotes. Mas o sr. Desmarest, proprietario e vendedor, empenhou-se em relatar-lhe o passado historico do predio. Gabriela d'Estrés morara ali, e para vê-la, muitas vezes o rei Henrique IV subira aquela escada. Mais tarde, um tal João Paulo, que se assinava Senhor de Maintenont, adquirira a casa e alugára-a ao abade de La Bletterie,

Andouin ouviu distraidamente essas «historias», muito mais interessado pelas instalações modernas, que pretendia fazer ali. Só depois de muitos dias, quando a freguezia, já habituada á casa nova, começou a acudir regularmente, lhe sobrou tempo e ele se lembrou de passar uma inspecção completa no predio, que ainda não conhecia todo. Por exemplo: nunca examinára uma especie de mansarda do 3.º andar, cuja unica parede inteiriça estava coberta com uma estante imponente, cheia de livros encadernados, mas de aspecto muito antigo.

O chapeleiro abriu muito os olhos. Livros assim tão antigos deviam ter valor e era até estranho que o antigo proprietario não os houvesse retirado nem consignado o seu preço no contracto de venda. Aproximou-se para examina los e tirou da estante um, ao acaso. Soprou o pó que o cobria. Era uma «Anatomia do Corpo Humano», editada em Paris em 1684.

Antegozando o lucro que poderia tirar de tais preciosidades, começou a in-

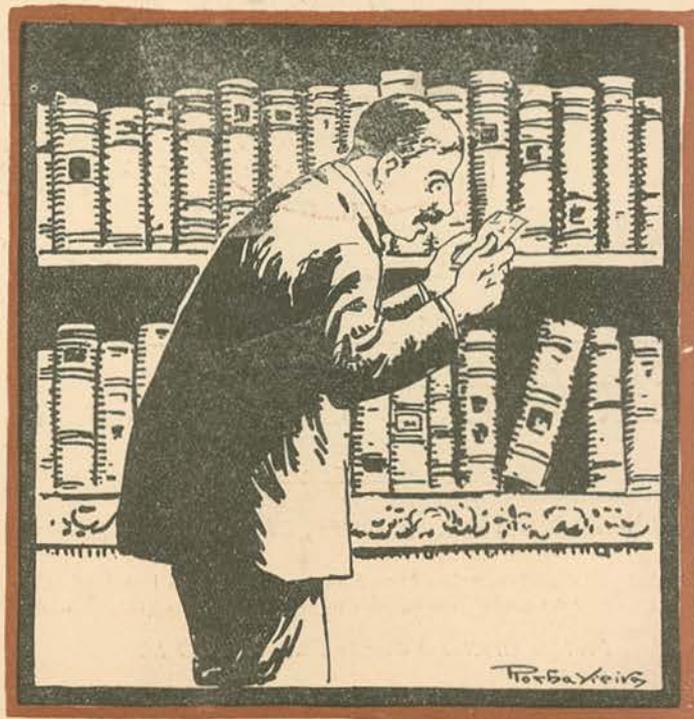
ventariar toda a biblioteca, tomando nota das datas das edições. Do terceiro volume que abriu, viu cair um papel muito amarelo e dobrado em quatro. Apanhou-o e desdobrou-o. Em tinta muito palida, com letra alta, porém tremula, estava ali escrito o seguinte:

O segredo está por traz dos livros santos. Para vencer o inimigo, que nele se occulta, invocarás N. S. e voltarás para o inferno a face de Satan. Então a luz surgirá nas trevas; mas, se prezas a vida, desconfia dos algarismos VII e XLV.

Andouin ficou por algum tempo imóvel, procurando compreender a significação desse singular escrito. Depois, entrou a observar os demais livros á procura daqueles que poderiam ser considerados santos. Encontrou uma «Biblia», uma «Vida dos Santos», lado a lado e notou, por cima desses pesados volumes, na madeira esculpida na estante, um ornato que representava uma especie de careta, com pequenos chifres pontudos. Retirando os dois livros santos, viu que, sob aquela cabeça diabolica esculpida na madeira, havia cinco pequenas molas de aço, perfeitamente redondas, cada uma das quais marcada com uma letra. Embora o tempo tivesse oxidado o mecanismo, o negociante notou que essas molas cediam sob os seus dedos, e, depois de tentar em vão, algumas combinações com as cinco letras, voltou a

reler o manuscrito e a indicação «invocarás N. S.», sugeriu-lhe o nome de Jesus. As letras das molas formavam exactamente esse nome. Moveu-as nessa ordem e, apenas calçou o S. ouviu um estalido forte, que lhe provou ter acertado com o segredo. Apresou-se, então, a puxar a esculpura cabeça satanica, voltando-a para o «inferno», isto é, para o solo.

Imediatamente o soalho estremeceu com um ruido surdo e, ao esforço de um



mecanismo poderoso, que a ferrugem não lograra paralisar, todo um lado da biblioteca se moveu sobre um eixo invisível, descobrindo na parede uma abertura, especie de ogiva estreita e escura. Andouin, emocionado e cheio de curiosidade, curvou-se cautelosamente e viu que daquela porta secreta partia um escada de caracol. Ao mesmo tempo um cheiro mefítico, característico dos subterrâneos, por muito tempo fechados, chegou-lhe ao nariz.

Era impossível resistir a uma tentação daquelas! Que conteria esse esconderijo, de certo muito antigo? O negociante foi buscar uma lampada electrica e, sem nada dizer aos empregados, voltou á mansarda. Os degraus eram de pedra e pareciam bastante solidos. Começou a descer cautelosamente, contando-os. Contára já 45 quando bateu com a testa numa arcada muito baixa e o choque foi tão violento que caiu de costas e rolou, assim, os degraus que restavam. Mas, em pouco, recobrou os sentidos e viu-se diante de uma caverna ampla e solidamente abobadada, com uma porta massiça, aberta de par em par. Ao longo das paredes dessa adega, alinhavam-se barricadas de varios tamanhos, todas de pé e cobertas com taboas.

Andouin avançou com prudencia, mas tropeçou num ligeiro obstaculo, que lhe pareceu um monte de farrapos. E, a um movimento que fez com o pé, uma caveira rolou sem rumor pelo lagedo. Vencido o primeiro movimento de horror e susto, curvou-se e verificou que estava ali um esqueleto completo e os farrapos, que ainda o envolviam, denunciavam «pessoa de qualidade», como se dizia antigamente. O homem, que ali ficára, estava vestido com luxo e elegancia, tendo,

ainda, junto de si uma espada com punho de ouro.

A antiguidade evidente daqueles despojos atenuaram muito as impressões de piedade no coração de Andouin, que prosseguiu as suas investigações, passando a examinar as barricadas. Descobriu a primeira, projectou sobre ela o facho de luz da lampada e recuou deslumbrado. Estava cheia de luzes antigos com a effigie do vencedor de Namur e do «Bem-Amado».

A segunda barriça, a terceira, a quarta, todas continham a mesma preciosidade. E eram dezenove! Havia ali moedas de todos os paizes e de varias épocas: ducados de Veneza, florins marcados com um lirio e com um carneiro, «carolus» de Inglaterra e das Flandres, dobrões de Espanha e escudos e duplos-luzes com a effigie dos Bourbons.

Andouin, diante de tamanha riqueza, teve um acesso de alegria delirante. Esqueceu o mundo exterior, o esqueleto caído á entrada da adega e ergueu punhados daquele ouro antigo para ouvil-o tilintar, caindo no solo.

Mas, de subito, levantou-se. Lembrara-se de que alguns dos seus empregados poderia tel-o procurado, poderia ter ido até á mansarda e descoberto a existencia do tesouro.

A ideia de que outro podia conhecer aquele segredo magnifico alucinou-o e precipitou-se para a escada. Porém, quando poz o pé sobre o setimo degrau, ouviu um estalido seco e adivinhou que a porta secreta, em cima, se fechara de novo.

Então, sómente, compreendeu o sentido da ultima linha do manuscrito: «se prezas a tua vida, desconfia dos algarismos VII e XLV».

(De Jacques CONSTANT.)



Enciclopedia «Porque, Como e Fara que»

“OS SEGREDOS DA ATMOSFERA,,

pelo professor Amorim Ferreira

PREÇO AVULSO, 50 centavos

Acaba de ser publicado, achando-se á venda em todas as livrarias, tabacarias, etc., de Lisboa e Porto e em casa dos agentes de O SECULO, na provincia

Pedidos directos á Secção Editorial de O SECULO

Rua do Seculo, 43 - LISBOA

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE

7 — ABRIL — 1923

N.º 894

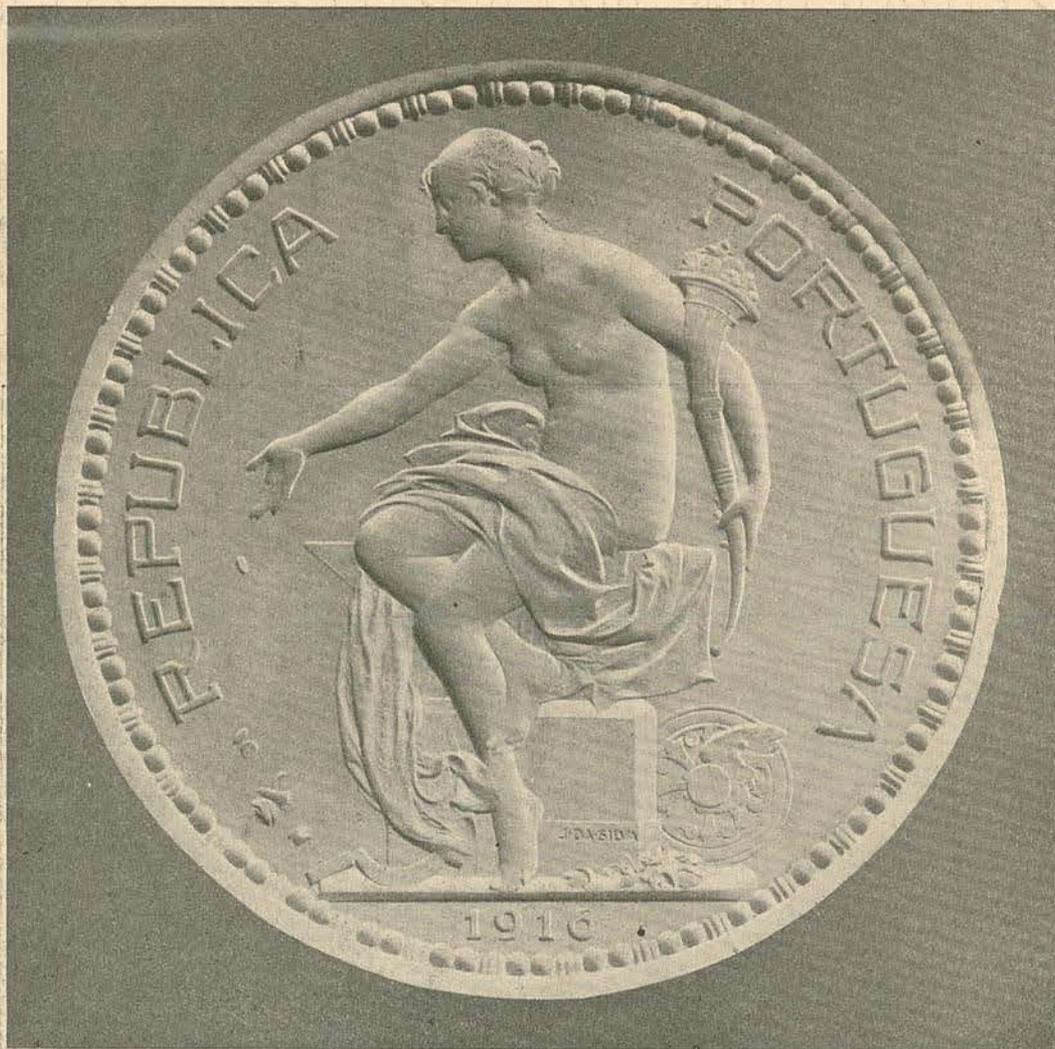
SANTOS DUMONT DE PASSAGEM POR LISBOA



O ilustre aviador brasileiro Santos Dumont tendo passado pelo nosso porto, no dia 29 do mez findo, a bordo do paquete *Massilia*, foi alvo de varias manifestações de simpatia, figurando, entre as inumeras pessoas que lhe apresentaram cumprimentos, os heroicos aviadores portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral que, com o seu colega brasileiro, se vêem na interessante fotografia que publicamos.

(Cliché Salgado)

A MOEDA DE OIRO PORTUGUÊSA



Modelo, do escultor João da Silva, que vai ser cunhado na Casa da Moeda, entrando, em seguida em circulação.

SORRISOS DE ANJOS



Laura, filha da sr.^a D. Eduarda da Piedade dos Santos e do sr. Jo é Moreira, residentes em S. Paulo, Brasil



Antonio Luiz Bel, Redondo d'Oliveira, que completará 2 anos em 22 do corrente



Cecília, filha da sr.^a D. Ester Pires Mugalhães e do sr. Luiz Pires, residentes em S. Paulo, Brasil

RETRATO DO CARDEAL-REI D. HENRIQUE

Um quadro de Ticiano



AINDA que os mortos vão depressa, não está apagada de todo a memória do distinto colecionador e cultor esmerado das artes que foi o Marquez da Foz, nem a sua proverbial solercia,

mercê da qual transformou o seu esplendido palacio da Avenida n'um opulento museu de raridades.

Foi ele quem descobriu em poder do antiquario Pe-reira, Merelo, este precioso retrato do Cardeal Rei

D. Henrique, de cuja alta valia logo a sua vasta cultura artistica se apercebeu.

D'onde viera o opulento quadro?

Da quinta dos marquezes de Alorna, em Almeirim, confinante com o Paço Real, que tantos anos ali existiu.

Um outro coleccionador e paciente investigador, o Abade Castro, que deixou á sua familia notavel coleccion de quadros valiosos, e que se dedicava a investigações demoradas, até de coisas futeis, descobriu que este quadro do Cardeal Rei figurara nos inventarios da Casa d'Alorna como sendo de Ticiano, e pôz tanto empenho em o adquirir que oferecera ao pae de Merelo um predio que possuia aos Loios.

O perpassar dos tempos não poupou com as suas inclemencias a esplendida obra de arte; a madeira em que estava a pintura, apesar de ser cedro excelente, fôra carcomida e muito danificada.

Logo que o Marquez entrou na posse do retrato, levou-o para Paris, confiou-o á competencia do habil restaurador José Spiridon, que, ao cabo de seis anos de delicado e aturado trabalho, o passou da deteriorada madeira para tela, apesar das grandes dimensões—um metro de alto por outro de largo— e com tal exito que conseguiu não perder o quadro o seu primitivo aspecto.

E' sumamente interessante o painel. A meio, imponente, ostentando as vestes purpureas, o Cardeal, coberto com o respectivo barrete, cabelo e barba d'um castanho louro, senta-se n'uma magestosa cadeira da epoca, tendo em frente a mesa coberta de veludo verde, apoiando a mão direita n'um masso de papeis, enquanto a esquerda repousa sobre o braço da cadeira. Na mesa veem-se livros e a tradicional campainha de prata ornamentada, em cujo rebordo se descobre o monograma de Ticiano e a data 1545.

Ladeando o Cardeal, dois grandes Senhores, ostentando os trajos do Patriciado. Quem são? Baltasar de Faria e Simão da Veiga, que por aquele tempo se encontravam em Roma, no desempenho de complicadas missões diplomaticas, entre as quaes o estabelecimento da Inquisição, a que se opunha obstinada e tenazmente a Santa Sé, a nomeação de D. Henrique como legado e outros, que seria longo e descabido enumerar.

Ambos estes eram pessoas sobremaneira adictas ao Cardeal, e tanto que Bartolomeu de Faria protegera a sua candidatura ao Solio Pontificio. Justificada está a presença dos dois notaveis diplomatas junto do Purpurado Principe.

Na Torre do Tombo existe uma carta de Bartolomeu de Faria, de 11 de Novembro de 1545, participando ter sido hospede da familia Farnése para lhe dar os parabens da parte de Sua Alteza pelo batisado d'um dos sobrinhos bisnetos do Papa. Ora foi a instancias do Cardeal Farnese que Ticiano veio a Roma para pintar o retrato do Papa Paulo III.

Mas vamos ao quadro de que nos occupamos.

Conta-nos Frei Luiz de Sousa, no livro VI da Historia de S. Domingos, que o Cardeal Rei protegeu munificamente o Convento de Nossa Senhora da Serra, de Almeirim, da Ordem Dominicana, e que, não se contentando de estar retratado com o seu pai e irmãos no retabolo da capela-mór, se mandou retratar, deante do Crucifixo, onde se via de joelhos e bem ao natural.

Fica-se sabendo que em Almeirim, no Convento, existiam n'aquella epoca retratos das pessoas reaes e do Cardeal, o que certamente aconteceria no Paço, perto do mesmo.

Era costume d'então os grandes magnates encomendarem os seus retratos aos grandes pintores italianos, bem como os quadros que ofereciam aos templos, e que conservavam em seus palacios.

Por outro lado sabe-se que, movido pelas instancias do Cardeal Farnese, Ticiano veio, em 1545, para Roma—Adolphe Siret, no *Dictionnaire historique des peintres de toutes les ecoles*, (1874) a pag. 964 diz: «Ticiano, em 1545, cedeu ás instancias d Paulo III, interp^os tas pelo Cardeal Farnese, foi para Roma trabalhar para o Papa e para os Farnese».

1545 é a data que está na campainha; é o ano em que Bartolomeu de Faria esteve com os Farnese, e é aquele em que o Ticiano trabalhou na cidade Papal.

Ticiano foi o pintor valido do imperador Carlos V, primo e cunhado do Cardeal Rei, o que justifica o desejo do pintor, querendo ser agradavel a um parente proximo do seu dedicado e valioso protector, personagem de situação tão elevada no Sacro Colegio Cardinalicio.

O estudo atento da notavel pintura arreiga o convencimento da sua origem ticianesca.

E' uma maravilha de tecnica e colorido, manifestamente da Escola Romana, segundo o parecer dos mais proficientes criticos de arte que em Portugal e no estrangeiro tem analisado o quadro.

A comparação d'este notavel trabalho com o celebre retrato do Papa Paulo III, de Ticiano, existente no museu de Napoles, acusa flagrantes semelhanças. E' a mesma cadeira, identica a posição, e igual a mão esquerda.

Os outros dois personagens são um outro documento valioso de autenticação do quadro.

Os diplomatas citados e amigos do Cardeal Rei, ali estiveram ao tempo mencionado, e conviveram com os grandes pintores d'então. Ha uma carta de Bartolomeu de Faria para Simão da Veiga, que estava então em Napoles, datada de 31 d'Outubro de 1545, que se refere a uma encomenda feita a «Michael Angelo sobre uma Nossa Senhora da Misericordia», aludindo a paga pecuniaria, o que confirma as relações com os notaveis artistas contemporaneos, e mostra que lhes incumbiam trabalhos para Portugal. Para mais, os retratos d'estes dois personagens accusam por sua vez os traços peculiares de Ticiano, a sua modalidade, a tecnica propria e a sua coloração.

A pelissa que ostenta Simão da Veiga é a reprodução do retrato de Isabel de Erte; Bartolomeu de Faria semelha-se a Jacopo di Iliada, ambos existentes em Viena.

Postos estes dados, as conclusões fluem logicamente.

Portugal conserva no seu patrimonio artistico esta joia do immortal Ticiano Veceli por muitos desconhecida e que o seu proprietario, o sr. Conde da Foz, guarda com todo o carinho e cuidado, conservando-a como uma reliquia legada por seu esclarecido pae, e que S. Ex.^a preza e aprecia com a sua vasta cultura sobre assuntos be arte, em que é perito.

S. F.

As Cortes de 1820



O SECRETARIO FELGUEIRAS

DOS homens que o movimento vintista trouxe ao tablado da politica alguns ha que lograram apenas alcançar para a posteridade uma nomeada tenue, apesar das importantes funções de que foram investidos. Neste caso se encontra o secretario das constituintes de 1820, João Baptista Felgueiras. Só incidentalmente o seu nome tem sido mencionado, mais para responder à verdade historica dos factos, que, propriamente, para realçar a sua personalidade.

Já Pinheiro Chagas notára que a sua biografia fosse quasi ignorada e, esforçando-se por obter dados, prestou-lhe no *Diccionario Popular* a homenagem devida, mas essa noticia não é isenta de insuficiencias e até mesmo de incorrecções.

No momento em que uma centena de anos se completou sobre o congresso que reuniu em 1821, do qual J. B. Felgueiras foi uma proeminente figura, é justo arranca-lo da penumbra para a luz onde o grande publico o possa vêr.

De par, patentear-se-ha o seu aspecto fisionomico e a sua estrutura moral. Será pois completo o quadro, para o qual contribuiu, amistosamente, com elementos preciosos, o seu unico filho vivo, já de veneranda idade, o sr. dr. Francisco Pedro Felgueiras, residente no Porto.

João Baptista Felgueiras nasceu em Guimarães, na Quinta de Cedofeita, a Santa Cruz, freguezia de N. S. da Oliveira, aos 6 de Abril de 1787, sendo seus paes o desembargador Manuel José Baptista Felgueiras e D. Rita Clara Candida da Silva, ambos do concelho de Guimarães. Tendo-se bacharelado em direito na Universidade, aos 23 anos era nomeado Juiz de Fóra de Celorico da Beira. Espirito progressivo e liberal, dez anos depois o movimento revolucionario de 1820 lançava-o abertamente na vida politica. De pronto grangeou uma situação de destaque. Eleito deputado pelo Minho, logo na sessão preparatoria das côrtes, realisada em 24 de Janeiro de 1821 era escolhido para secretario. E fóra-o por aclamação.

Instalado o congresso e resolvido haver quatro secretarios, a eleição dava-lhe ainda a primasia. Tal confiança basta para comprovar as qualidades que distinguiram esse mancebo de 33 anos. E não houveram os deputados de se arrependem pois com notavel proficiencia occupou o seu logar.

«Celebre secretario» o qualifica, com justiça, Pinheiro Chagas. Para a sua celebridade contribuiu tambem um nadinha, no acto do juramento em côrtes, o rei que a revolução fizera constitucional. O caso é assim referido pelo dr. Silva Gaio, no romance historico *Mario*:

*D. João VI aceitava tudo!
Tinha entrado com ele a terrivel ideia de que padia*

ser um segundo Luiz XVI. Ao entrar na sala das côrtes, tremia tanto, que lhe foi mister encostar-se a João Baptista Felgueiras para não cair.

Porém as vicissitudes politicas breve o apoquentaram. A petulante restauração dos «inauferiveis direitos» em 1823, arremessava-o para longe de Lisboa. E' mandado seguir para Guimarães «donde não sairá (diz o passaporte dado em 10 de Junho) sem expressa ordem de S. M. devendo apresentar-se ao dr. Juiz de Fóra de aquella vila, o qual dará logo conta a esta Intendencia do dia e horas da referida apresentação». Nesse

documento se acham averbados os seus sinaes caracteristicos: estatura baixa, cara redonda, olhos azues, cabelo castanho escuro, sobrolhos pretos... Ainda em 1823 foi corregedor de Leiria e conservador dos pinhaes. Em fins de 1826 passava a Viana do Castelo.

Aqui se pode bem aquilatar o caracter e a tempera do integerrimo magistrado, numa época atrabiliaria de ferozes paixões politicas. Traslade-se para o efeito o que o illustre escritor José Caldas menciona na sua *Historia de um fogo morto*:

A' supplica da camara ajuntase no mesmo sentido uma representação do corregedor da comarca, o honrado João Baptista Felgueiras, a cujo alto espirito de justiça os afrontados recorrem no extremo que lhes é creado pela excepçãoalidade das circunstancias. Felgueiras, prestes a emigrar para Inglaterra, consegue fazer-se ainda assim respeitar, imprimindo ás devassas, que por esse tempo se iniciam, um relativo caracter de honestidade.

No entanto é gravissimo o risco que corre. Os exaltados odeiam-no, e como não podem medir-se com ele, pela firmeza com que o illustre magistrado sustenta os direitos e a justiça dos oprimidos, vingam-se em Guimarães, lançando fogo ao seu palacio das Hortas, nas vertentes do monte da Costa.

Em nota ao texto lê-se ainda:

Achava-se um dia em Viana o dr. João Baptista Felgueiras, inquirindo umas testemunhas num processo politico. Depunha um exaltado realista, um dos amnistiados de 1828, preso pouco antes por ladrão. Acusando os liberaes, dava-se a grandes brados, como vitima das preseguições de 1822, ás quaes confessava dever a sua ultima prisão. Firme, sereno, inabalavel, João Baptista Felgueiras ordenando ao escrivão que não continuasse a tomar o depoimento daquela testemunha, diz para o ardente legitimista: «o senhor sabe por que esteve preso?» O exaltado acusador emudeceu. O corregedor fê-lo sair imediatamente do tribunal.



João Baptista Felgueiras

Passava-se isto depois de 1828. E então os ultrages e perseguições atormentavam os liberaes. Avisado certo dia de que pretendiam prende-lo, ainda corregedor em Viana, ele e o dr. João de Melo, juiz de paz, tambem apontado, conseguem escapar, occultos sob lenha e carqueja, em casa dum padeiro. Sob disfarce, Felgueiras alcançou o Porto e refugia-se em casa de João Antonio de Freitas Pimenta, na travessa da Trindade, 37, onde passa o cerco.

Assim evitou a prisão e talvez a morte.

Na *Lista dos Ausentes*, citados por cartas de editos, vem indicado o seu nome, sendo a data da citação de 4 de Fevereiro de 1831.

Para o triunfo da liberdade não se poupou a esforços. Vencida a causa, em 1833 era nomeado procurador geral da corôa; depois agraciado; mais tarde, conselheiro do supremo tribunal de justiça e official mór honorario da casa real. Em 1842 o Minho elegia-o deputado; eleição indirecta, numa totalidade de 102 eleitores obtinha 99 votos.

A pasta de ministro que recusára em 1839, aceitava-a por solicitações reiteradas em 1842 e, contra o costume, a nomeação era-lhe mesmo participada pessoalmente pelo rei; mas, pondunoroso e fiel á norma traçada, não se tendo proporcionado depois a situação bem em harmonia com a sua consciencia, recusou-se a fazer parte do ministerio. A rainha não se conformava com essa resolução e instava para que ficasse. Alguem, aparte, lhe disse:

— Senhora, o Felgueiras entrou puro; deixai-o V. M. sair sem mancha.

Tempos de principios e de isenção!

Em 1847, quando da formidável insurreição popular, D. Maria II apelava de novo para J. B. Felgueiras, não conseguindo remove-lo mesmo ao cabo de tres horas de cerrada argumentação.

Nuns apontamentos que deixou e se acham publicados em *O Comercio de Guimarães* (1902) encontram-se desenvolvidos estes episodios politicos.

João Baptista Felgueiras faleceu aos 13 de Março de 1848, em Lisboa, quando se dirigia para sua casa na rua

do Passadiço, 14, vitimado por uma apoplexia que o surpreendeu na então rua Larga.

Seis filhos menores, o mais velho com 12 anos, ficavam na orfandade.

Falemos do retrato.

Foi o seu amigo e compadre Nicolau Arrochela (depois conde) que o encomendou a Roquemont em 1844. Temos á vista as cartas que a ele se referem; uma do pintor a Arrochela declarando estar «pronto a emprender o retrato do cons. Felgueiras prestando-se ele a isso», outra de solicitação ao retratado, onde Arrochela diz: «favor que me não deixarás de fazer, apesar que muito bem antevejo o sacrificio que ele demanda».

E' um retrato, pois, feito do vivo, em tamanho natural. Na especialidade, Roquemont era mestre. Citando-o, Raczynski refere: *il a fait en ce pays (Portugal) d'excellents portraits*.

Este é um deles. Trabalho pujante, onde a linha fidalga do retratado esplende magnificamente. Não está assinado. Ao valor da obra acresce o inéditismo. A tela jámais saiu da intimidade familiar, depois que, desfeito o palacete Arrochela, foi cedida ao dr. Francisco Pedro, seu filho, como joia inestimável. Isso não obstou a que surgisse ultimamente um outro, talvez muito decorativo mas muitissimo imaginativo...

J. B. Felgueiras foi uma notável figura do seu tempo.

Da particular amizade de José da Silva Carvalho, Joaquim Antonio de Aguiar e Agostinho José Freire, tinha tambem a estima da côrte; D. Fernando, mais de uma vez, e sem que estivesse doente, o visitou em sua casa.

Os vinaranenses queriam-lhe muito. E com razão. A sua influencia valeu para que a colegiada de N. S. da Oliveira não fosse atingida pelo decreto de 30 de maio de 1834, do qual não houve para o paiz, na apreciação justa de Jose Caldas, «nem honra nem proveito».

Alguem proveito pois, por honra sua, pode obter o celebretario das côrtes de 1820!

Porto.

Pedro VITORINO.

AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel.
Não é untoso. As senhoras que o usam tem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos
Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doencas de couro cabelludo em todas as idades e em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radica e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.
Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

AVENIDA, 23

Telefone 3614-N.

EXPOSIÇÕES DE ARTE



O pintor Armando de Lucena e um aspecto da sua interessante exposição de quadros, inaugurada no dia 7 do mez findo, no Salão Bobone.



Os alunos da escola do Belas Artes, que apresentam trabalhos na Exposição inaugurada no dia 30 do mez findo, na sede da Sociedade Nacional de Belas Artes.—Da esquerda para a direita: (sentados) Aluerto Capucho José Tagarro e Pedro Jorge Pinto; (de pé) Corte Real, Aluerto Vale, Macario Viniz, D. Carlota Borea, Rogerio Berger, D. Alda Pereira Leite, Veloso Reis, D. Sara Sancha Afonso, Barrios, Henrique de Campos e Eduardo Cunha

O Grupo "Os Serranos", e os "Sports" de Inverno em Portugal



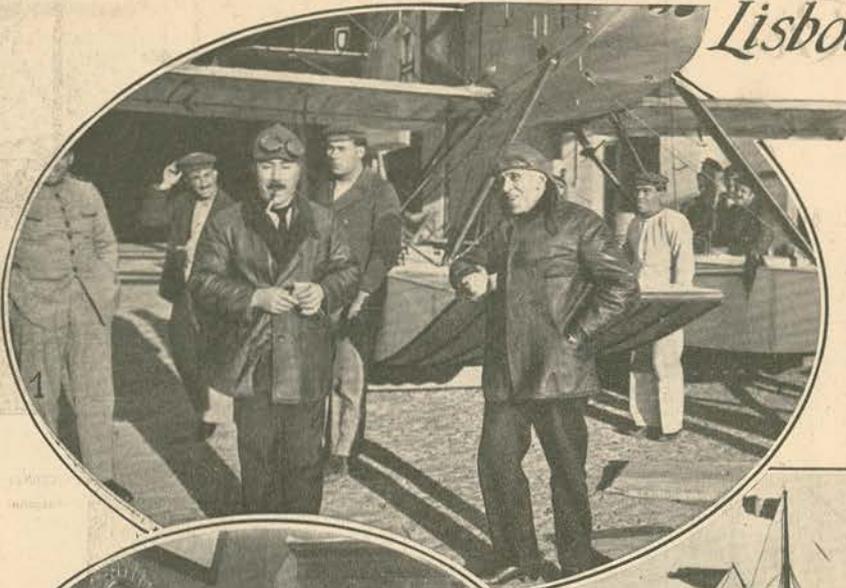
Trenó deslizando sobre a neve e um lindo trecho da serra já degelada

O Grupo Serranos vendo-se, ao centro, o seu presid-nte honorario, dr. Magalhães Lima, ladeado pe'os srs. Tavares de Melo e Joaquim da Conceição

Grupo de Serranos que, acompanhados por algumas senhoras, tomaram parte na inauguração dos sports de inverno. (Clichés Foto-Belesa, Porto)

Por iniciativa do benemerito Grupo dos Serranos, do Porto, realçou-se, no dia 13 do mez findo, uma interessante excursão á Serra da Estrela e, com a mesma, a Inauguração, em Portugal, dos sports de Inverno. Ao referido Grupo, que tem como presidente honorario o sr. dr. Magalhães Lima, e por missão divulgar e fazer conhecer, aos portugueses, as belezas naturais do nosso país, devem-se já muitas outras excursões de propaganda turistica, a ultima das quais, em Julho de 1922, á Ilha da Madeira.

O Primeiro Aniversario da Travessia Aerea Lisboa



1—Sacadura Cabral e Gago Coutinho pouco antes do lançamento do, no dia 20 de março de 1922, junto do primeiro avião em que realizaram a travessia.

2—O segundo avião da travessia a bordo do vapor brasileiro Nagé, que partiu do Tejo em 27 d'abril.

3—O terceiro avião, em que foi completada a travessia, a bordo do vapor luso Araujo, saído do Tejo em 25 de maio.

4—A comissão de moradores do bairro da Esperança que promoveu as brilhantes festas realizadas no mesmo bairro, em honra de Gago Coutinho e comemorativas da travessia, em casa do referido aviator, a quem entregou, no dia 30 do mez findo, uma mensagem de saudação, encerrada n'uma preciosa pasta de couro da Rússia.

5—A lapide mandada colocar, pelos esparroquianos de Gago Coutinho, na casa da sua residencia, na rua da Esperança.

6—Aspecto da cerimonia do descerramento da referida lapide, realisada com grande solemndade no dia 1 do corrente.

Travessia Aerea Rio

OS AVIÕES
E A TRAVESSIA



OS FESTEJOS
COMEMORATIVOS



(Clichés Salgado)



"Estrelas" e "Azes" do Cinema



Helena Darly, a formosa estrela do écran, que conta no film A casa do misterio uma das suas melhores cr-ações

O «Seculo», que escolhe sempre os seus folhetins de molde a interessarem não só todo o publico da capital, como ainda o de todo o paiz, começou, no passado dia 1, a publicação do curioso romance de aventuras «A casa do misterio», uma das melhores obras do conhecido escritor Jules Mary.

«A casa do misterio», é uma historia empolgante que, devido ao seu entrecho, em que as situações imprevistas se sucedem e os rasgos de audacia, força e valor são frequentes, deu motivo ao magnifico «film», que a empreza do Cinema Condes fará exhibir á medida que «O Seculo» publicar o romance.

Teem, assim os leitores de «O Seculo» ocasião de poder apreciar o estilo e poder imaginativo do excelente escritor Jules Mary e admirar o magnifico trabalho de artistas de nomeada, como são: Helena Darly, Francine Mussey, Mosjoukine e Charles Vanel.

Francine Mussey, a outra magnifica interprete da obra de Jules Mary



O apreciado act o Mosjoukine numa das scenas da película A casa do misterio



Charles Vanel, o outro artista que muito se salienta no mesmo film

FIGURAS & FACTOS



Leão Veloso (Na oval)

Ilustre jornalista brasileiro que passou ha dias em Lisboa a caminho de Paris, onde se exercer o cargo de embaixador do Brasil



Eugenio Noel (no medallão)

Escritor e jornalista e panhol que se encontra ha dias entre nós, tendo realizado no dia 3, no Centro Espanhol, uma interessante conferencia sobre o tema os Valores espirituales da Espanha actual



O novo mercado de Benfca inaugurado, no dia 1 do corrente

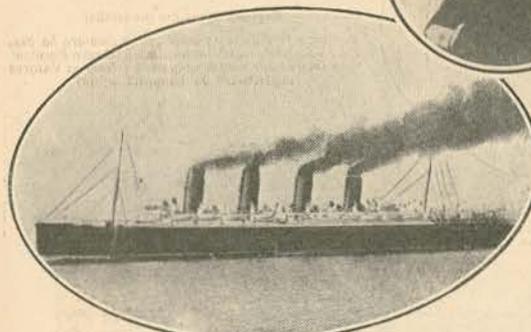


O Nuncio Apostolico Mg. Locateli, cercado pelas damas catholicas do corpo diplomatico que, a proposito da sua elevação á dignidade cardinalicia lhe ofereceram, no dia 2 do corrente, um calice artistico (de que tambem damos a gravura) acompanhado de uma mensagem

Dr. Caetano Tavares Afonso e Cunha
Official do registro civil de Estarreja, falecido no dia 25 do mez findo em Parilhó



Afonso Peña
Engenheiro espanhol auctor do projecto da ponte sobre o Tejo, que parece deve ser construida

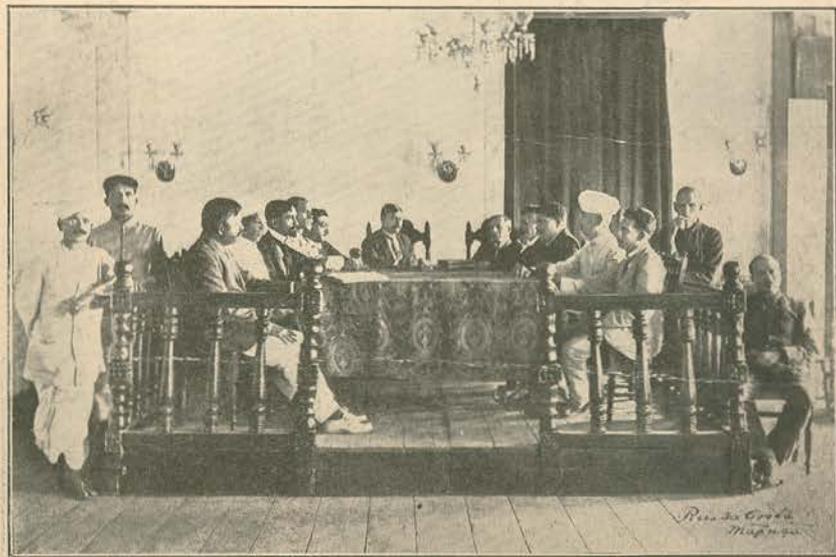


Transatlantico «Mauretania»

Deslocando 66.000 toneladas é este o maior paquete que tem, até agora, ancorado no Tejo. Foi-o no dia 29 do mez findo, transportando a seu bordo grande numero de turistas norte-americanos que, durante dois dias—pols o Mauretania levantou ferro em 31 á noite—visitaram a cidade e os seus mais pittorescos arredores. Promovidos pelos agentes da Companhia Cunard Line, a que pertence o paquete, os srs. Garland, Laidley & C., realizaram-se uma visita a bordo, da imprensa, e tambem um banquete para os quaes recebemos amaveis convites que agradecemos.



Antonio Lopes
Cavaleiro taumomaquico, a quem é dedicado o passo dobrado do maestro João P. Mineiro que publicamos hoje na Pagina Musical



A Camara Municipal de Bardez (India Portuguesa) reunida no dia 2 de janeiro do corrente ano, em primeira sessão apoz a da posse

Ao centro: Dr. Cipriano da Cunha Gomes (presidente), tenão, á esquerda: dr. Pascoal João Gomes (administrador do conselho), dr. Pedro Caetano de Souza, Abilio de Souza, Boudo Colopo e Ricardo M. Teles (vereadores), á direita: dr. Jaime de Souza, (vice-presidente) José Salvador Couto, dr. Antonio Magalhães, Govinda Porricar (vereadores) e Alexandrino de Souza (secretário)

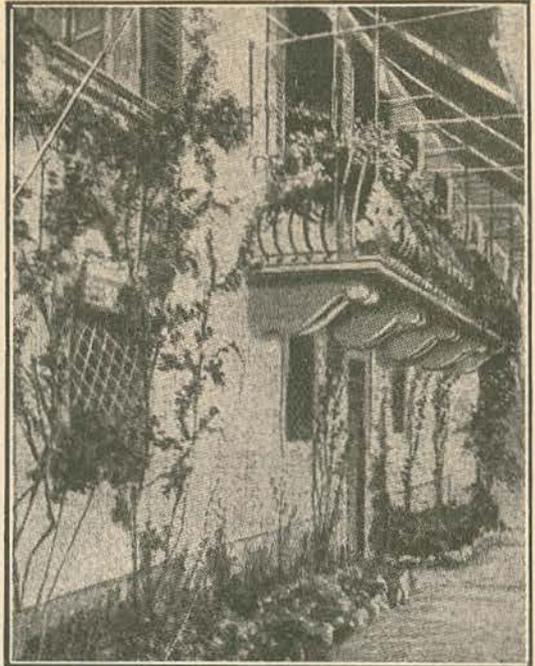
O Estrangeiro em foco



Rei Fernando, da Roménia
Que acaba de fugir, perante a revolução triunfante, no seu país



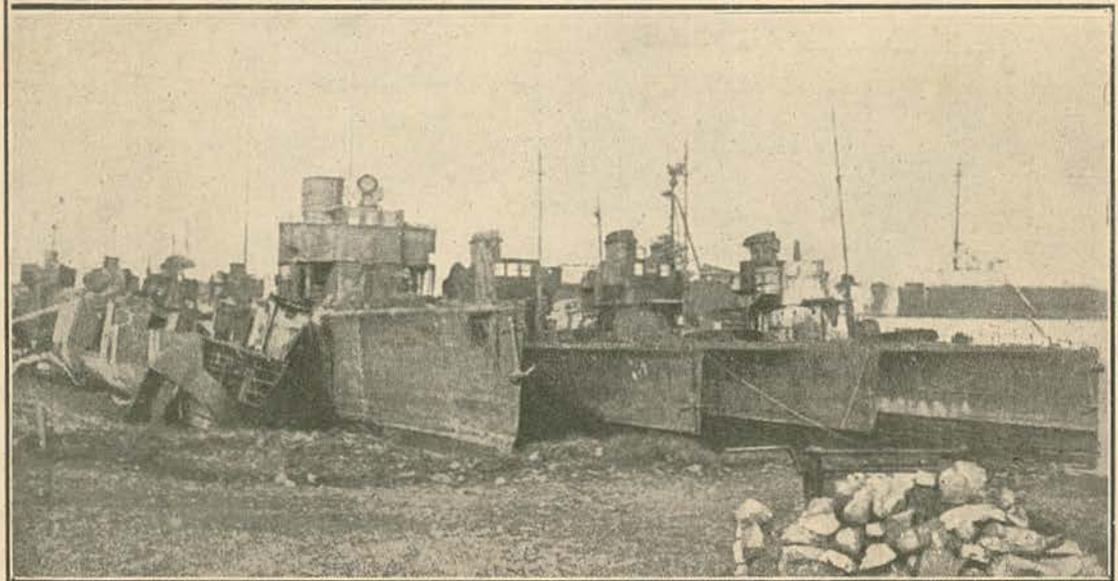
General Maunoury
O vencedor da batalha de Oureg, falecido em Paris, em 28 do mez findo



A «vila» de Gabriel d'Annunzio, em Gardone-Riviera que o poeta acaba de oferecer ao Estado italiano, a fim de ser transformada num museu da expedição a Fiume. Na referida «vila» já d'Annunzio tem acumulados inúmeros documentos e recordações desta expedição



Revolucionarios irlandezes capturados em varios pontos de Inglaterra, postos á disposiçao do Estado Livre da Irlanda, a caminho da prisao de Mountjoy



O que resta, actualmente, dos 70 navios de guerra alemães entregues á Inglaterra em 21 de novembro de 1918, conforme as clausulas do armistício e recolhidos ao porto de Forth, a fim de ali serem destruidos



Alex. d'Albuquerque



Emilia d'Oliveira



Palmira Bastos



Samwel Diniz

Amelia Bastos



Carlos Santos

A CHAMA, em S. Carlos

UMA tal menina Flora, cantora, em Paris, de recintos mal frequentados, teve como primeiro amante um lord, resultando dessa ligação anglo-franca um menino, que depois veio a ser o empertigado herdeiro de títulos e haveres de seu pai. Desasete anos esteve Flora fazendo tanto caso do filho como o sr. dr. Afonso Costa faz de nos todos, mas um dia des-ertou-se lhe a fibra maternal, ou teve, quiçá, a visão dum futuro negro e desconfortavel, pelo que recorre ao lord, a reclamar o pimpolho.

Avisa-a o lord de que é melhor para mãe e filho não se conhecerem, e nisto tinhamos ficado no 1.º acto de *La flamme*, de Carlos M. ré, passado em Londres, quando o autor nos transporta a um bar de Paris, onde Flora canta, chora e nos apresenta o seu centesimo amante, pessoa clumata e pouco limpa de mãos—por culpa da sociedade, já se deixa ver.

Ora, quem ha-de procu ar Flora no dito bar, quando ela já sabe, por intermedio d'um proprio inglês, do falecimento do lord? O filho, nem mais nem menos; ou seja, na trasladação da peça para português e para o teatro de S. Carlos, o actor Samwel Diniz, tão proprio para o papel que até escreve o seu nome com *w*: logo, scena de clumes do amante, quando vê a mãe a conversar com o filho, declaração da maternidade, por parte de Palmira Bastos—que é a supra e já muitas vezes mencionada mãe—e curiosidade do publico para saber como o autor conseguiu descalçar a bota de mais dois atos. E conseguiu, realmente, pondo, no 3.º ato, frente a frente, o amante e o filho de Flora, a puxá-la cada um para seu lado e a colocar a pobre mulher em tais apuros que não tem remedio senão disparar um tiro no dedo mindinho da mão direita do amante, para se ver livre d'ele, e, no 4.º ato, levando mãe e filho para uma estancia suíssa, a consideravel attitude, onde logo pelo diabo o rapaz se apaixona por uma francêsa de boas familias, onde a mãe é encontrada por uma colega da vida aldrada, onde dois hospedes do mesmo hotel passam na occasião em que Flora beija o filho e, por consequencia, a tomam por amante d'este, onde... Emfim, onde Flora, para que a noiva do filho aceite e pare definitivamente de tocar ao piano a musica do clume com fortes notas de desespero, decide voltar para a companhia do amante a quem deu o tiro e que em Paris anda saudoso e triste, como perdido que perdeu a pena.

Presenciados estes moínos casos por alguns centenaes de individuos, na noite de 31 do mês passado, e postos ao alcance da nossa limitada comprehensão por meio da prosa de José Sarmiento, com muito boa vontade de não escandalisar ouvidos burguezes, as opiniões dividiram-se sobre a peça e sobre o desempenho, como tem acontecido com todas as peças e com todos os desempenhos, desde que o homem se lembrou de reproduzir, com mais ou menos verdade, e com mais ou menos arte, o que se dá na vida real. E como de todas essas opiniões não poderiamos dar conta, para que, pela média, o leitor pudesse ajuizar da obra, aqui deixamos consignado o nosso aplauso e a nossa simpatia por Palmira Bastos, Carlos Santos, Henrique d'Albuquerque e Samwel Diniz, n'um pé de igualdade que não re-resenta inteira justiça, mas que não nos apraz desfazer, para estes artistas não se agatanharem uns aos outros—moralmente e disfarçadamente, como pessoas bem educadas, que são.

MARIO COSTA.

O HERDEIRO, no Politcama

O Herdeiro, do sr. Carlos Selvagem, de quem é, verdadeiramente, herdeiro é do... Hamlet. A mesma personagem sonhadora, contemplativa, com tituras de filosofa, a falar só, mesmo quando fala com os outros ou com o *campagne* E, a respeito de cabeçudo, não toquemos n'isso! A prima casada vê se doido com ele para salvar a integridade conjug l, tanto mais que, telmosa

tambem—aquilo é pecha de familia—em dar-lhe conselhos e em pedir-lhe desculpas, parece ter tanto empenho em comprometer-se como tem, de facto, em manter-se immaculada.

O proprio *To be or not to be*, lá está na ejuvalencia: «viver, ou não viver» e, até o coviro, tambem filosofo, não falta, se não pessoalmente presente, Invocado em termos de denunciar bem o caracter neoshaksperiano da peça. Sómente n'ela o protagonista, em logar de se fingir doido para levar a cabo a sua vingança, vingase como maluco que é, a valer, por mais que se presume pessoa de muito sizo.

Não chega a gente a saber se a Ofelia Junior, para o caso a prima soiteira, tambem repudiada, como a Ofelia senior, pelo telhudo a quem ama, end lidece, c mo ela, e se atoga. Parece que sim, em pranto, a fazer fe pelos informes... Mas tambem essa personagem não falta, como não falta a Sombra do Comendador, representada pela velha Mariana, encarregada de contar ao Hamlet-Fernando as misérias da familia. Apenas, mais discreta que o sobredito Comendador, não as conta tambem ao publico com o que, por sinal, deu grande sorte um nosso visinho da 4.ª fila, que aguçava o dente para o escandalo quando o pano desceu, no fim do 2.º acto.

Notar, na peça do sr. Carlos Selvagem, tantas afinidades shaksperianas, não será, só por si, reconhecer-lhe merito? A questão é que, o Carlos Selvagem inglês escreveu, ha mais de tres seculos, a tragedia que o sr. Carlos Selvagem, português, herdou agora, sendo melhor de desculpar áquele, por mais contemporaneos com os gostos da época, a redundancia, o retrorismo, a preocupação litteraria que prejudica um tanto *O Herdeiro*, fazendo com que, principalmente o pobre Ribeiro Lopes, mal possa com o papel e o publico com o pobre Ribeiro Lopes. E, contudo, o personagem é de todos os tempos. Os herdeiros de Hamlet não faltam, de nossos dias, e a intriga em que este se debate não deixa de ser moderna. Esses herdeiros, porém, pensando tudo quanto *O Herdeiro* diz, re, ete e repisa, pensam-no para com eles ou declamam-no, quando muito, á familia. Para o publico e demastado e, d'aquí, perder em verdade, naturalidade, o que ha de verdadeiro e natural na psicologia do personagem.

Além de que o dialogo demastadamente litterario exige, da parte dos interpretes, recursos de dicção que poucos possuem. Para não pesar, na audição, mister se torna ser dito como raros o abem dizer: por exemplo, essa encantadora comediante que é Amelia Rei Colaço. E mais ninguém, lá em casa, sem de-fazer nos colegas da grande artista, pois vem a pelo reconhecer o trabalho notavel que tem agons, nomeadamente Ribeiro Lopes, Julia Silva e Robles Monteiro, o qual faz a scena do 2.º acto a primor. Por sinal, a melhor do drama e, só por si, de molde a revelar a garra do dramaturgo que já é, sem sombra de favor, o sr. Carlos Selvagem, mas que muito mais será quando se convencer de que, em Teatro, com a sobriedade do estilo só tem a ganhar os autores, os artistas e... o publico.

ZOILLO.

A NOVA DANSA! DA MODA



Le Fox-Blues, cuja musica para piano publicamos na Pagina Musical do anterior numero da *Ilustração Portuguesa*, é a dança que actualmente está produzindo enorme furor em Paris, onde alcançou honras de verdadeiro successo mundano.

De facto, não ha salão, club e até music-hall ou cabaret onde não seja executada com entusiastico aplauso, com o mesmo aplauso e entusiasmo sendo dansada por toda a parte.

Pois que obedece a uma tecnica especial, pelo menos em alguns dos seus passos, damos, em seguida, a explicação dos referidos passos, que as gravuras acima melhor esclarecerão:

Fig. 1—Representa a marcha, que é feita com passos muito alongados, balouçando o par, ligeira e alternadamente, as ancas, á direita e á esquerda, mas conservando os troncos directos.

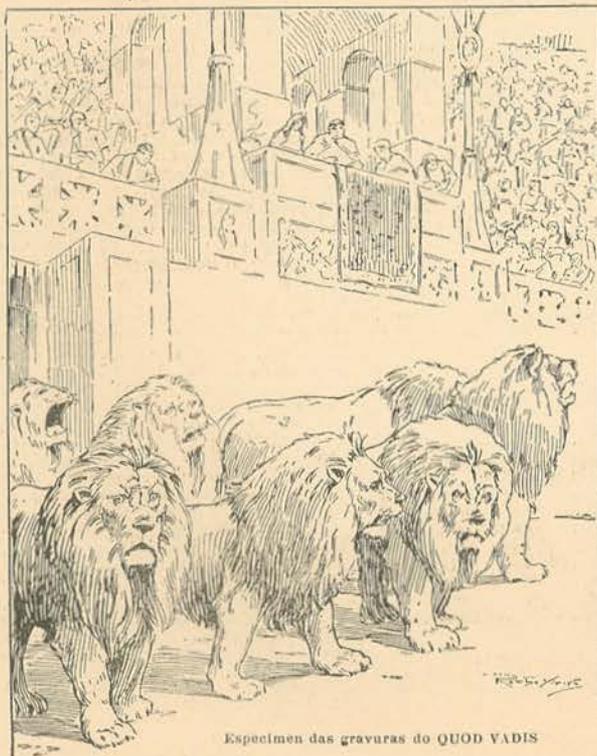
Fig. 2—A volta é executada quebrando, primeiro para a frente e logo depois para traz, de maneira que o par rode sobre umpé, dando um pequeno passo, semelhante ao da valsa

Fig. 3—Para o passo de lado, o cavalheiro e a dama

voltam-se no mesmo sentido, e dão um passo nesta direcção, quebrando em seguida

Fig. 4—Dois passos, na posição descrita na primeira figura, para a frente e voltando, um pouco, para a direita, seguidos de três para traz com balanço do corpo. Voltar, depois á direita.

Nota.—Outro passo muito empregado é um em tudo semelhante ao da valsa, que, devido á sua vulgarisação, achamos desnecessario reproduzir.



Exemplar das gravuras do QUOD VADIS

Secção Editorial de O SECULO

Colecção de Romances Ilustrados

Volumes publicados:

O ARCO DE SANT'ANA, de Almeida Garrett.
 CARMEN, de Prosper Mérimée.
 CADEIA DE CRIMES, de Gui Thorne.
 O HOMEM DA ORELHA QUEBRADA,
 de Edmond About
 QUOD VADIS? de Henrick Sienkiewicz.

No prelo:

CATOLICOS E HUGONOTOS, de Prosper Mérimée
 A RELIGIOSA, de Diderot.
 FARRAPO HUMANO, de Gabriel d'Anunzio.
 etc., etc.

Cada romance completo 1 escudo
 Por assinatura: série de 12 romances, 10 esc.

A' venda em todas as livrarias e tabacarias
 de Lisboa e Porto e em casa dos corres-
 pondentes de O Seculo, na provincia.

Pedidos directos á

Secção Editorial de O SECULO

Rua do Seculo, 43

LISBOA



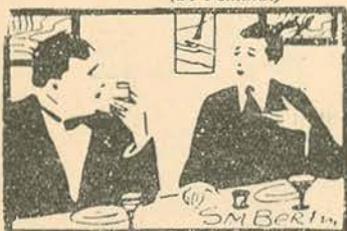
— Muito obrigado por me levarem preso... Assim posso, atravessar a rua, sem correr o risco de ser atropelado...

(De Le Journal.)



— E' uma estreante... Não vês que não tem sequer uma joia...

(De Femina.)



— Que dizes a este meu vinho tinto?...
— Não é mau... Mas agradou-me mais,
ha pouco, na salada...

(De Le Petit Parisien.)



— Pois sim... Tenho-me farto de comer trevos de quatro folhas e, apesar d'isso, cá vou para o matadouro...

(De Le Petit Journal.)



A DONA DA CASA (á creada que se ajusta) — Principalmente ha duas qualidades que eu não dispenso: que sejam obedientes e não mintam...

A CREADA — Como hei de fazer, então, quando tiver de dizer, já alguma visita, que a senhora saiu, estando a senhora em casa?...

(De London Opinion.)



— Enquanto estiver a lêr a noticia desse crime, não lhe posso frisar o cabelot...

(De L'Intransigeant.)



— Encontrel, n'um jornal, a noticia d'um homem que obteve o divorcio por se provar que a mulher lhe revistava os bolsos!

— E que fizeste?
— Cortel-a e metl-a n'uma das minhas algibeiras...



— Abstracto é tudo aquillo que só existe no pensamento. Cite lá um exemplo.

— As reparações alemãs...

(De Le Matin.)

Amor da e as creanças

VESTIR creanças com critério, propriedade e elegância bem compreendida, não é coisa fácil a toda a gente.

Em geral, arrastada pelo "habito" de consultar os figurinos, sempre que se trata de preparar a confecção d'uma «toilette», a mãe escolhe um modelo d'entre as mil e uma fantasias que as revistas da especialidade oferecem ao seu beneplácito, sem se preocupar com dois promenores

importantísimos e que consistem em estudar primeiro o tipo de beleza da creança a quem a «toilette» é destinada, e depois em verificar se essa «toilette» oferece todos os requisitos de conforto e higiene de que a graça infantil não prescindie.

Ao tratar-se de vestir creanças, poucas são as mães que resistem á tentação de as cumular de coisas caras e ricas. Os tecidos de seda tentam-nas, as rendas frageis, os laços complicados, os bordados ricos seduzem-nas...

A um «bébé» é tão lindo! Como ficará encantadora vestida com uma sumptuosidade que fará empalidecer de inveja determinadas pessoas...

E tomadas d'um falso orgulho, d'uma vaidade que a razão nunca saberá fugir bastante, envolvem as pobres pequeninas bonecas n'as sedas e rendas caras, dispostas com passmosa habilidade decorativa e complicados artifi-

cios de forma, impondo-lhes «ipso facto» a condição de «estarem muiquetinhas para não amarrotarem o vestido!...»

Pobres creanças, que martirio de imobilização, que tortura de contrariedade e constrangimento lhes impõe o amor maternal, na cegueira de lhes procurar maior esplendor para a sua radiosa beleza infantil!

E, afinal, que lamentavel resultado se colhe de tão errada maneira de compreender a elegancia dos pequeninos!

A creança, encolhida, contrafeita, aborrecida por se vê privada da liberdade de dar expansão á sua alegria, á vivacidade que é, afinal, o seu mais belo encanto, perde muito da graça habitual, apaga-se a um canto, sobre uma cadeira, sem saber onde colocar as mãos, sem se atrever a um movimento espontaneo, suspirando n'uma bem compreensivel impaciencia pela hora de libertação em que se despojará do seu instrumento de martirio, o lindo e rico vestido de seda que custou á solicitude materna tantas preocupações e... tanto dinheiro...

Não, mães zelozas da beleza dos vossos filhos, não encareis a elegancia dos pequeninos pela mesma forma porque encareas a que vos diz respeito pessoalmente.

A primeira condição para que a graça infantil resalte em toda a plenitude da sua fascinação, é ser combinada com a simplicidade e com a sin-geleza.

Um vestido de linhas simples, disposto de maneira a não tomar formas caricatas com os movimentos, que permita á creança correr livremente, composto n'um tecido d'algodão ou de lã, fino, em cor clara e seiva, quando não se prefira em branco, guarnecido com sobrio sentimento artistico, alinda muito mais uma creança do que um vestido de seda recamado de rendas ou de bordados, como tantos modelos que se nos deparam nas paginas dos figurinos, que são, sem duvida, muito bonitos ali desenhados, mas que, realia-dos, são, praticamente, os mais desoladores resultados, quer sob o ponto de vista do efeito a obter, quer pelo que toca ás leis da estetica e da sã hi-



Vestido em fons-lard de fantasia e sarja de lã

Vestido em voile de lã. Cintro de rosas de seda

Vestido de organdi e bordados

Vestido em crepe da China



Fatinho de sarja, Blusa de pongê

Vestido em sarja escura e voile plissado

Vestido em crepe al, odoão listado

giene que para os pequeninos são da mais indelclinavel importancia.

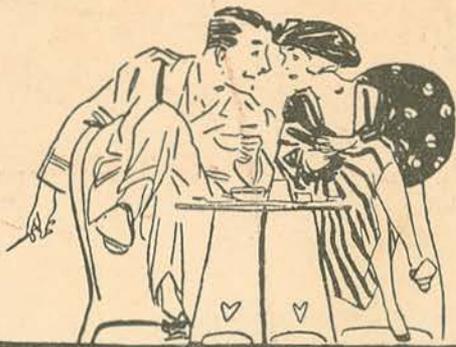
Acredite, mães est'emosas, que vos extasiaes enternecidamente ante a formosura das vossas adoradas filhinhas: quanto mais simplesmente as vestirem, tanto mais o seu encanto resaltará em toda a plenitude da sua graça viva e espontanea.

De resto, a moda em rigor não favorece as complicações de «toilette» não só para creanças, como mesmo para as senhoras. Todo o chic, toda a distincão d'uma «silhouette», consiste na sobriedade, no bem traçado das linhas e na feliz escolha dos tecidos e das cores. A riqueza da «toilette», ficou exclusivamente reservada para a «coquette» das mães; os pequeninos vestem-se com a maxima sin-geleza e propriedade, escolhendo-se para eles, de preferencia, tecidos que suportem lavagens repetidas e modelos que permitam facilmente a passagem com o ferro quente.

E aquí tem as mães alguns sensatos conselhos que vale a pena guardar;



**AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS**

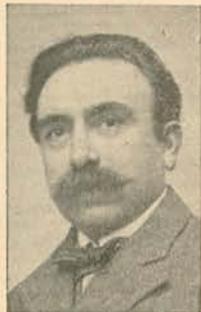


**ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.**

SONETOS DE AMOR, por Eugenio Vieira

Sotenta e seis sonetos enfeixou Eugenio Vieira neste volume, em que mostra ser tão bom poeta como

prosador que já firmou brilhantemente os seus creditos. Eugenio Vieira, pelo visto, não se deixou seduzir pelos modernismos, pelas inovações, pelos caprichos que assinalam muitos dos jovens literatos das ultimas camadas. Nos seus sonetos conserva-se fiel ás antigas e sempre novas formulas, que denominamos petrarquianas ou camoneas, se quizerem. E, dentro de tais moldes, abundam as formosuras e as graças no volume que temos presente. Se nem todos os sonetos são obras-primas, alguns possuem um impecavel recorte e acusam uma excelsa inspiração. Eugenio Vieira é, sem favor, um artista chefo de talento e de probidade.



Eugenio Vieira

CAMILO, FIALHO e EÇA, por Nuno Cardoso

O sr. Nuno Catarino Cardoso é um paciente investigador, a quem se devem alguns volumes de antologia portuguesa e brasileira, organizados com critério e enriquecidos de notas. Em *Camilo, Fialho e Eça* estudam-se, sinteticamente, «a vida, o moral e o fisico, o estilo e a linguagem» dos tres celebres escriptores. De cada um deles se apresentam vocabularios que compreendem muitas palavras não registadas nos dictionarios da lingua portugueza. O curioso trabalho é completado com informações bibliograficas. Sabido como Camilo, Fialho e Eça contam inumeros admiradores, facil se torna prevér um exito ao pequeno volume do sr. Nuno Catarino Cardoso. A edição pertence á Hivrraria Portugal, da rua do Carmo.



Nuno Catarino Cardoso

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO, por Antonio Ferrão

O distinto academico sr. dr. Antonio Ferrão trouxe a lume o discurso que preferiu na Academia das Sciencias quando, em sessão da classe de letras, se prestou homenagem á memoria de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Ao discurso juntou agora algumas anotações, que justificam mais amplamente o texto. Com erudição e

JOSÉ DO EGITO—De facto, o seu conto é fraco, como entretcho, e não se impõe ido pouco pela forma, pois abundam nele os logares comuns, as repetições de vocabulos, etc. Quer isto dizer que não possa fazer melhor? De maneira alguma. Estamos convencidos do contrario e tanto assim que o aconselhamos a estudar melhor o que escreve e mandá-lo para cá depois.

«SANTOS (PRECE)»—O seu soneto é muito mau. Desculpe a franqueza.

«ADIVINHANDO»—Cá tem 7 valores.

E. A. P. (INEDITO)—Não nos agradou completamente a sua Pascoa, pelas reticencias e pelo ultimo verso. Faça outra.

J. M. CARVALHO—Tem de aprender ortografia, entre outras coisas. Comece pela redondilha.

A. de F. C.—O ultimo verso da composição a que chama «Soneto de 12 sílabas»

Em busca do amor, nos braços do prazer
é um fecho francamente mau, depois de 11 versos a mais
Na de 10 sílabas ha os seguintes, tambem maus:

Tinham a lava do Ignifero vulcão
Que lentamente o calor foi perdendo,
.....
Mas que enganados vão sempre perdendo.

As quadras são regulares, em geral, e uma das Voltas do Villancete que oferece á actriz Amelia Colaço, é boa. Ela at-e-at, com a nossa aprovação:

Senhora, dos meus cuidados,
A quem devo a minha dor,
Por vós padeco d'amor
E trago os olhos cansados.
Mas os vossos, de veludo,
Se acaso em mim os filaes
parecem dizer em tudo
Que por amor me mataes,

«A MARSELHEZA»

No proximo numero, a *Ilustração Portuguesa* publicará, na sua «Pagina Musical», o hinó nacional francez (musica para piano e letra).

CORREGENDA

O anterior numero da *Ilustração* vem uma lastima, sob o ponto de vista da revisão. Ao illustre pintor Alves Cardoso, chamou o compositor, e o revisor achou que estava bem. Alves Coelho, e, devido á mesma colaboração lastimavel, entre inumeras outras gralhas, satu completamente deformado o segundo verso de Regnard, citado na secção *O Lar*, verso que é

Qui coutat peu d'argent et qui parut nouveau ..

e não aquilo que se publicou.

Renovamos as nossas desculpas aos leitores, tendo tomado as possiveis providencias para evitar que tais falhas se repitam.

com respeitooso carinho, o sr. dr. Antonio Ferrão estuda a obra educativa, critica e historiografica de D. Maria Amalia; reúne varios dados bio-bibliograficos, analisa as idéas politicas, sociais e religiosas da fecunda escriptora, recorda a sua confiança no futuro de Portugal, o seu patriotismo e a sua concepção de democracia, numa palavra traçou o perfil intelectual da illustre mulher de letras por uma forma que se impõe aos mais exigentes.

A. de A.



PAGINA INFANTIL

O NEGOCIANTE DE BONECAS MANHOSO



NÃO TE ESQUEÇAS, VICENTE, DE QUE N'ESTA MALA VÃO AS CABEÇAS MAIORES...



VAMOS LÁ PREPARAR TUDO ANTES QUE VENHA ALGUM PASSAGEIRO.



ORA CÁ ESTÃO AS CABEÇAS MAIORES!... AGORA SÓ FALTA COLOCA-LAS COM ARTE PARA QUE EU PASSE A NOITE O MELHOR POSSIVEL.



Isso não é uma carruagem, é uma creche!!

PROCURE OUTRA CARRUAGEM, SENHOR!... COM ESTAS CRIANÇAS TODAS NÃO PODE VIAJAR N'ESTA COM SOCEGO.



ESFINGIA



*
 Não sou grande enigmatista,
 Mas, deste assunto em questão,
 Muito tenho decifrado,
 Desde tempos que lá vão—1

O que nunca conquistei,
 —Que vergonha para mim!—
 Foi a *mêta*: sempre esbarro,
 Com as ultimas do fim...—2

Quería dar minha estreia
 No quadro da Illustração,
 E depois ir produzindo,
 Té chegar a campeão.

Como tal não consegui,
 —Tenho pena, enfim, confesso,—
 Por esta simples charada,
 A colaborar começo.

Cá vou fazendo o que posso,
 E qual menino nascido,
 Cumprimenta os grandes mestres
 O novato aparecido.

Setubal

Um Velho-novo...

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Canôa.
Charadas em verso: Belona—Canabras—
 Floresta—Quasi.
Enigma pitoresco: Amôr, com amor se
 paga.
Charadas em frase: Salpicôla—Noemla—
 Penafiel.
Logogrifo: Imortais felicidades.

ENIGMA

Enigma pará os novatos,
 Feito para toda a gente;
 Este, basta olhar p'ra ele,
 P'ra ser morto de repente.

E' um ser mul conhecido,
 De formato algo biforme,
 Mas, quasi sempre é redondo,
 E o tamanho é grande, enorme.

Mal vae p'ra o que o não vê,
 Peor p'ra quem o não sente,
 Se uns lhe tiram proveitos,
 D'ele foge muita gente.

Dizem uns: é musical,
 Dizem outros: *adjetivo*...
 Mas, a maior parte diz,
 Que deve ser substantivo

A sua palavra tem
 Poucas letras, desiguaes,
 Sendo algumas, consoantes...
 E' só isto e nada mais.

Pinta scenas

CHARADAS EM VERSO

Honi soit qui mal y pense...

Fiz quarto de sentinela
 Esperando a calceirinha
 Que me inspira esta loquela
 Ful até á casa dela,
 Que á loja fica visinha.

Com surpresa arripiada
 Reparei, não sem quizilia,
 Que a pequena era esperada
 A' porta, semi-cerrada,
 Por toda a sua familia.

Era vê-la, bem escoltada,
 Talvez médo dos ladrões,
 Que na Lisboa depravada
 Andam sempre na caçada
 Dos ingénuos corações.

Ful seguindo, mas ao lado,—1
 Té que entrou num casarão,—1
 Onde um pobre desgraçado,
 Martelava, com enfado,
 Sobre as taboas dum caixão!!!

E vive aquela breiteira
 Naquelle antro funerario...
 Dava a minha vida inteira,
 Para a vêr numa transeira.
 A tratar do seu canario.

Neste mundo sonhador,
 Cada qual tem sua sorte...
 E assim, num sonho d'amor,
 Mórta e vive aquela flor,
 Entre roupagens da morte!

Marcelo Monfort

CHARADAS EM FRASE

Comprei este fruto na cidade e fui co-
 mê-lo a esta povoação portugueza—2—2.

Vendas Novas

Careca

E' duro, n'um instante, contrair uma
 dívida...—2—1.

Leiria

Florido

Esta ave oferece um belo alimento—
 2—1.

Dois bozeurs

LOGOGRIFO

Amor é um fogo que arde sem se ver;
 —9—16—19—21—6—27
 E' ferida que doe e não se sente;—21—
 9—15—3—17
 E' um contentamento *descontente*;—22—
 16—20—24—6—12
 E' dor que desatina sem doer;—5—14—
 23—20—15—10—6—1—8—17

E' um não querer mais que *dem* que-
 rer;—11—14—25—19—16—24—21—1—7
 E, solitario *andar* por entre a gente;—
 13—5—23—21—26—9—4
 E' um não contentar-se de *contente*;—
 22—20—14—3—23—19
 E' um cuidar que se *ganha* em se per-
 der;—18—4—2—21—19

E' um estar-se preso por vontade;
 E' servir a quem vence o vencedor;
 E' um ter, com quem nos mata lealdade

Mas, como causar pode o seu pavor
 nos mortais corações conformidade,
 sendo a si tão contrario o mesmo Amor?

Baal (do «Sphingis Clubs»)

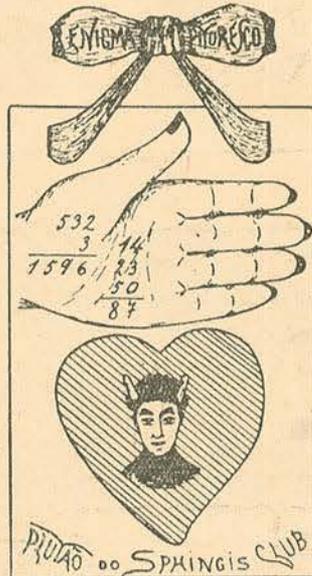
Indicações uteis

Na proximo sabado sairão pu'licadas
 na *Illustração Portuguesa* as decifrações
 das produções Insertas n'este numero.
 —Toda a correspondencia relativa a
 esta secção deve ser enviada ao *Seculo*
 e endereçada a José Pedro do Carmo.
 —A' director d'esta secção assiste o
 direito de não publicar produções que
 julgue imperfeitas.

—O é c nferido o Quadro de Honra
 a quem envle todas as decifrações exa-
 tas, entregues até cinco dias após a saída
 d'este numero, ás 16 horas, na ucursal
 do Reclu.

—Todas as produções devem vir escri-
 tas em separado e os enigmas pitores-
 cos h m desenhados em papel liso e tinta
 da China.

—Os originaes que r sejam ou não pu-
 blicados, não se restituem.



QUADRO DE HONRA

S. Palo—Violeta—Do 16—Trigo
 —Josolicos—M Relvas—Dr. Sa-
 loio—Ti Aid na—Do 14—Jogovi
 —Dama ocu ta—Sant'Ana—Fer-
 raz Ferrão, & Ferrelra—C. L. Ni-
 za—Club do Silencio—Vila Ver-
 de—Rosado & Torquato—Alli-
 m—Mer—Capristano—Gloconda
 —Tiduj Pinta .cenas—Kruz

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero.